

**“O Espaço da Memória”: a formação, as inter-relações e o acervo pessoal de
Fernando Augusto Albuquerque Mourão**

Clauber Ribeiro CRUZ*

Resumo: A partir do contato com o acervo pessoal do Professor Dr. Fernando Augusto Albuquerque Mourão, este estudo pretende salientar as contribuições do intelectual nas diversas áreas em que atuou, recompondo, por sua vez, os arquivos e registros memorialísticos pertencentes ao seu acervo. Com a análise destes conjuntos pessoais almeja-se destacar partes da trajetória de uma das figuras incontornáveis da intelectualidade brasileira. Para isso, serão evidenciadas partes do seu percurso, desde o seu envolvimento com a Casa dos Estudantes do Império, em Portugal, até a formação de um espaço seminal para os estudos africanos no Brasil e seus desmembramentos com as relações internacionais africanas, isto é: O Centro de Estudos Africanos, da Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: Acervo Pessoal. Casa dos Estudantes do Império. Centro de Estudos Africanos. Coleção Autores Africanos. Fernando Mourão.

**The place of the memory”: the education, the interrelationships and the personal
collection of Fernando Augusto Albuquerque Mourão**

Abstract: Through the access of Fernando Augusto Albuquerque Mourão collection, this paper aims to present the contributions of this intellectual in so many fields of your studies. Thus, we intend to organize his archives and memory presented in the collection in order to rebuild his career. With the analysis of these personal files, we aim to examine part of the professional and personal paths of this important Brazilian intellectual. Therefore, some moments of his academic and personal paths will be checked, since his connection with the Casa dos Estudantes do Império, em Portugal, until the creation of an elemental place to the African studies in Brazil, combined with the international African relations: the Centro de Estudos Africanos, of the Universidade de São Paulo.

Keywords: Personal Collection. Students Empire House. Center of African Studies. Collection of African Writers. Fernando Mourão

* Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, (UNESP/Assis) | Assis, Brasil, Av. Dom Antônio, 2100, Parque Universitário. | CEP 19806-900| Assis – SP. E-mail: claubercruz@hotmail.com

Neste artigo, abordaremos partes da trajetória de um intelectual brasileiro que esteve envolvido em diversas instâncias do conhecimento, visto o caráter multidisciplinar de sua carreira. Para tanto, pretendemos destacar não somente a sua relação com os Estudos Africanos mas também o seu pioneirismo para a consolidação das Relações Internacionais no país. Estamos falando do Dr. Fernando Augusto Albuquerque Mourão, que por mais de meio século tem desempenhado notória difusão das referidas áreas de pesquisa.

Fernando Mourão é um intelectual que carrega na sua formação duas características que irão compor um papel distinto em suas ações: ele traz um alto grau de intelectualidade, dentro do campo social, cultural e moral, aliado a um alto índice de envolvimento com a população menos favorecida: “[...] Sua sociologia do direito é para o pobre, para o negro, para o discriminado, para o africano, para o imigrante.” (MASCARO, 2012, p. 264).

Edward Said, nos estudos desenvolvidos no livro *Representações do Intelectual* (2005), declara que um dos objetivos dos intelectuais é diminuir as barreiras estereotípicas e determinados reducionismos presentes na sociedade humana como um todo (p. 10). Para tanto, percebe-se que a imagem do intelectual não poderia vincular-se a um grupo partidário específico ou mesmo exercer práticas dogmáticas, mas sim, ser dotado de flexibilidade e pensamentos visionários.

Sabemos que há determinadas situações nas quais a vinculação da figura do intelectual é, muitas vezes, associada às camadas políticas e do poder. Contudo, o que frisamos é justamente a importância da busca da independência intelectual, mesmo que parcialmente. E, em especial, evidenciar a verdade ao poder, desnudando as situações escamoteadas pela própria vigência de certas práticas da organização social.

Seguindo nesta esteira de pensamentos, o intelectual é um ser que pode construir relações que se unam à libertação de ideias, evidenciando a sua posição filosófica/ideológica e sua atitude diante das inúmeras situações que o circundam. Além do que, pode emitir uma voz referente a certo grupo social, lutando por sua autonomia e por melhores condições:

Assim, o intelectual age com base em princípios universais: que todos os seres humanos têm direito de contar com padrões de comportamento decentes quanto à liberdade e à justiça da parte dos poderes ou nações do mundo, e que as violações deliberadas ou inadvertidas desses padrões têm de ser corajosamente denunciadas e combatidas. (SAID, 2005, p. 26)

Portanto, com ousadia, certa dose de risco e vulnerabilidade, o intelectual atuante insere-se na sociedade por meio de práticas que vislumbrem por melhores condições humanitárias. Fernando Mourão esteve vinculado a estas caracterizações, visto que entre as

preocupações que centralizaram a sua carreira estão as estratégias construídas para a aproximação entre o Brasil e a África, sobretudo no que concerne à visibilidade da história do continente africano e à luta pela libertação.

Nessa perspectiva, um dos objetivos do intelectual seria promover a liberdade humana e do conhecimento, auxiliando na identificação de determinada população com a sua cultura, ou melhor, fazê-la sentir-se pertencente a este espaço ao destacar pontos comuns e divergentes oriundos à construção de sua identidade.

A Coleção Autores Africanos, lançada pela Ática – projeto literário dirigido por Fernando Mourão – teve como um de seus lemas a recuperação da identidade africana, sendo representada por aqueles que melhor poderiam descrevê-la: seus próprios e melhores escritores.

Por fim, por mais solitária que muitas vezes a voz de um intelectual possa ser, há uma significativa relevância neste ato: a independência com a qual se constrói liga-se com mais concretude à realidade, compartilhando uma busca individual dentro de uma coletividade, isto é: as vozes individualizadas unem-se em uníssono para representar distintas contribuições da intelectualidade à sociedade.

A formação e as inter-relações

O percurso de formação de Fernando Augusto Albuquerque Mourão iniciou-se quando, ainda jovem, ao lado de seu saudoso avô, Augusto Albuquerque, lia e ouvia histórias cercadas pelos conhecimentos da Filosofia. Em virtude desta experiência, Mourão constrói uma trajetória de muitos caminhos e inter-relações, dividindo-se entre as conexões humanísticas e institucionais¹.

A vivência educacional com o seu avô foi/é tão significativa que, em forma de agradecimento, decide colocá-la como fonte bibliográfica de uma de suas pesquisas. Essas histórias/conversas eram uma espécie de “Serões de Camarate”, circunscritas entre o período de 1943-1957. Embora este material não tivesse uma catalogação formalizada, já que seu avô não era um acadêmico, Mourão fez questão de colocá-las em suas referências:

Em virtude da minha formação, que devo à educação que me deu meu velho avô, no sentido de um distanciamento entre a pessoa e a instituição, acabei por talvez não ter sido mais enfático na defesa dos estudos africanos no plano institucional.

Certo que os fatos, por sua objetividade, têm maior importância e que o seu julgamento não me cabe nesta passagem da minha vida acadêmica, passo a relacionar as minhas principais atividades em vários campos. (MOURÃO, 1988, p. 15)

Após a finalização dos estudos nos ensinos fundamental e médio, Mourão cursou dois anos de Filosofia e Latim. Posteriormente, foi para Portugal para estudar Direito, na Universidade de Coimbra. Foi nesta fase que o seu interesse pela área das Ciências Sociais começou a surgir, já então focalizado pelo viés dos Estudos Africanos.

Em face aos movimentos de independência africana e mesmo na democratização no sul da Europa, Mourão envolve-se tanto no plano político quanto no intelectual deste período, muito em função dos debates internacionalistas europeus que estavam em efervescência durante os anos de 1960.

Assim, o entrelaçamento com os assuntos vinculados à África, sobretudo diante das relações mundiais sobre o colonialismo, torna-se fundamental para as áreas de estudos que Fernando Mourão irá desenvolver pioneiramente no Brasil, isto é, tanto sobre os Estudos Africanos quanto sobre as Relações Internacionais.

Neste período de formação, Mourão já escrevia matérias sobre o assunto e foi encarregado de organizar um setor de Estudos Africanos. Quando entrava de férias, costumava frequentar alguns centros especializados, entre eles: o Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa, o Museu do Homem, o Museu das Colônias Francesas, em Paris, no Institut Français de l'Afrique Noire. Com isso, o gosto pelas Ciências Sociais ia sobrepondo-se aos das Ciências Jurídicas.

Durante os anos de 1950, Mourão participou da formação da Casa dos Estudantes do Império em Lisboa e em Coimbra. A Casa foi inicialmente um centro de propagação cultural, que dava visibilidade às produções africanas e, sobretudo, um local de discussões acerca do ser africano, buscando resgatar sua identidade diante de um espaço de inúmeras fricções.

Deste modo, uma das prioridades da Casa era a discussão sobre parte do patrimônio cultural africano deixado pelas gerações antecedentes, criando meios para recuperá-la e divulgá-la. Por fim, era necessário traçar um percurso que levasse ao conhecimento da África aos africanos e, conseqüentemente, expandisse esta informação para os cantos do mundo:

Na década de 50, estudantes africanos se reuniram na Casa dos Estudantes do Império. Conferências, seminários, divulgação das obras e da revista "Présence Africaine", influência dos intelectuais do movimento da negritude reunidos ainda em boa parte em Paris, se fizeram sentir. Quando de férias ou na volta, terminando o curso, fizeram compreender aos antigos companheiros a necessidade de estudar as culturas africanas para assim compreenderem seus irmãos de cor que, na verdade, foram melhor entendidos por esta geração mais jovem do que pela geração de "Mensagem". Alguns jovens contistas, que apenas fizeram o liceu e passaram a trabalhar, vêm passar férias em Lisboa, onde entram em

contato com as atividades culturais da Casa dos Estudantes do Império. (MOURÃO, 1978, p. 44)

Mourão¹ relata que esta foi uma época em que era necessário conhecerem-se a si mesmos, isto é, revisitando espaços, histórias e ideais provenientes do próprio continente africano. Esta iniciativa auxiliou na formação dos jovens recém-chegados das colônias, dando continuidade ao trabalho iniciado no Centro de Estudos Africanos, em Lisboa, que na época foi liderado por Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Amílcar Cabral e José Francisco Tenreiro.

A existência dos núcleos de organização africana em Portugal possibilitou uma maior visibilidade à África, sobretudo entre os próprios africanos que, envolvidos nestes grupos, rearticularam um (re)conhecimento da produção cultural de seus países.

Posteriormente, este movimento contribuiu para uma (re)visão do lugar da África entre as relações até então estabelecidas, tal como as relacionadas ao colonialismo. Como mesmo relatou Mourão na entrevista citada anteriormente, era necessário “reafricanizar” os próprios africanos e, ao mesmo tempo, conseguir um lugar de destaque para a África (s/d., p. 5).

Desta maneira, parte destes alunos se reunia para discutir os caminhos políticos, sociais, literários etc., de seus respectivos países. Na verdade, inicialmente, como havia muito pouco registro sobre suas próprias histórias, estas conversas fomentaram uma análise mais particular das realidades das quais eram oriundos. Ou seja, com a necessidade de melhor compreenderem-se, passam a compartilhar suas experiências, recordar a história de seus povos, além de desenvolverem atividades culturais e cívicas com vistas ao enriquecimento da convivência e perpetuação das tradições:

Nesses tempos, viveram em Portugal estudantes, jovens intelectuais, escritores, artistas e políticos como Agostinho Neto, Marcelino dos Santos, Amílcar Cabral, Francisco José Tenreiro (vivendo desde a mais tenra idade, em Portugal), Carlos Everdosa, Pepetela, Manuel dos Santos Lima, Mário de Andrade, Manuel Duarte, Eduardo Mondlane, Henrique Abranches, Vasco Cabral, Tomás de Medeiros, Ernesto Lara Filho, Jonas Savimbe, Jorge Valentim, Pedro Pires, Paulo Jorge (Teixeira), Jorge Querido, Onésimo Silveira, Carlos Serrano, José Maria Nunes Pereira, Fernando Morgado, Gualter Soares, Veiga Pereira, Ivo Lóio, Ruy Pereira, José Óscar Monteiro, Álvaro Mateus (Dalas), Fernando da Costa Campos, João Dias, Victor Matos e Sá, Fernando Bettencourt Rosa, Roxo Leão, Virgílio Moreira, Fernando Moreira, etc., que estudavam e mancomunavam contra o Império. As jovens estudantes, embora em número menor, como era de tradição na altura, participam também na CEI, desde Alda Lara, Alda Espírito Santo, Maria Manuela Margarido e Noémia de Sousa, a Inácia de Oliveira, Vitória

¹ GONÇALVES, Américo. Fernando Mourão e como se dá a conhecer África no Brasil. *Jornal de Angola*. Luanda, 14 a 21 ago. Suplemento Cultural Vida e Cultura, ano III, p. 5 e p. 8.

de Sousa ou Eugénia Cruz, algumas delas tendo sido presas. Participaram, entre outros, o brasileiro **Fernando Mourão (muito activo na secção cultural a partir de 1958)** e os portugueses Eduardo Medeiros e Alfredo Margarido, que cita José Ilídio Cruz e José Manuel Vilar como denodados participantes na produção literária e política. (LARANJEIRA, 1996, p. XVI-XVII, grifos nossos)

Vejamos abaixo a sede da Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, em 1945:



Figura 1: Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa.

Fonte: TENREIRO, José Francisco; ANDRADE, Mário Pinto. *Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, 1982, p. 42.

Outro importante propagador de cultura na Europa, ao qual Mourão também esteve articulado, foi a revista *Présence Africaine*, representada pela figura de Mário Pinto de Andrade, para o qual Mourão enviou alguns poemas que foram depois publicados nas antologias poéticas lançadas por Mário, tal como a *Antologia de Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (1958), que se tornou uma “ponta de lança” para os estudantes da época.

Segundo Francisco Tenreiro (1982 p.16), a *Présence Africaine* publica seu primeiro número em novembro de 1947, em Paris, reunindo artigos, estudos, poemas, romances, crônicas, críticas de intelectuais europeus e africanos, e todos os estudos tinham um objetivo muito claro, “redescobrir a África”.

Com o passar do tempo, Mourão tornou-se bibliotecário da Casa dos Estudantes do Império em Coimbra e, conseqüentemente, encontrou diversos livros que foram publicados

oficialmente pelo governo português. Desta maneira, colocou em evidência somente os títulos mais importantes, segundo seus critérios.

De férias em Paris, costumava trazer as novidades das publicações da revista *Présence Africaine* para Coimbra. Por isso encheu a biblioteca de livros sobre a África, sempre tomando os devidos cuidados para não ser parado pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE):

[...] As sucessivas viagens a Paris permitiram o enriquecimento dessa pequena Biblioteca que, face ao perigo de uma intervenção das autoridades da época, teve boa parte de seus títulos mais representativos transferida para a sede do Clube Atheneu de Coimbra, graças às amizades de Fernando Costa Campos, nos permitiram por salvo um bom número de obras literárias, políticas e no campo das ciências sociais [...] (MOURÃO, 1991/1992, p. 61)

No início dos anos de 1960, retorna ao Brasil por causa das pressões políticas portuguesas, com isso, iniciou os estudos na área das Ciências Sociais, na Universidade de São Paulo, onde fez toda a sua formação acadêmica: curso de graduação, pós-graduação (mestrado e doutorado, sob a orientação do professor Ruy Galvão de Andrada Coelho, ambos com nota 10 e distinção).

Desde a graduação já era orientado pelo professor Ruy Coelho, além de apoio e ensinamentos de outros profissionais e áreas de estudos, tais como da Política e da Economia. Já na sua pesquisa de mestrado – *A sociedade angolana através da literatura* – publicada pela Ática em 1988, na coleção *Ensaio*, número 38, o material de análise pautava-se no levantamento literário, histórico e político africano, levando-o, portanto, à área da Sociologia da Literatura ao estudar a obra do escritor Fernando Monteiro Castro de Soromenho.

Como mencionamos anteriormente, a influência de seu avô o leva para vários caminhos, versando entre a pessoa e o institucional. Por esta razão, o seu doutoramento ocorre em outra área de pesquisa (houve a tentativa de seguir na mesma linha de desenvolvimento, contudo, não foi possível). Nesta, dedicou-se ao estudo das populações de pescadores do litoral sul do Estado de São Paulo: “[...] O ponto central de ambos os trabalhos reside no surpreender os sentidos da mudança.” (MOURÃO, 1988, p. 4).

Dentro da universidade, começou sua carreira como docente ministrando, por alguns anos, em substituição ao professor Ruy Coelho, o curso de Organização Social, na antiga cadeira de Sociologia II. Após alguns anos, passou a se responsabilizar por esta disciplina, sendo levado a ministrar o curso sobre Sociologia Teórica.

Mais tarde, em virtude das outras atividades profissionais que exercia, começou a interessar-se pelos estudos demográficos. Nesse período, trabalhou com o professor Daniel Kubat, da Universidade da Flórida. Em razão desta experiência, cria a disciplina sobre Sociologia Demográfica no curso de Ciências Sociais da USP, e durante anos foi o responsável em ministrá-la.

O interesse pelos estudos africanos não foram colocados em segundo plano, pelo contrário, o entusiasmo permaneceu por todo este período, visto que só foi interrompido em face da necessidade de sistematizar a sua formação na USP.

Com isto em vista, em 1965, é criado o Centro de Estudos de Cultura Africana, o CECA, uma entidade privada sem fins lucrativos, que teve uma sede provisória vinculada à Faculdade de Ciências Econômicas e Administração da USP, e também funcionando junto à cadeira de Sociologia II, do professor Ruy Coelho, da então Faculdade de Filosofia e Letras da USP. Segundo o professor Mourão (s/d., p.1), era necessária a criação de um centro de estudos em vista da conscientização das pesquisas e conhecimento do continente africano.

O CECA foi mantido até o ano de 1968, porque Fernando Mourão, junto a Eurípedes Simões de Paula, Paul Etamé Ewané, Ruy Coelho e outros, fundam, em 1969, o que se tornaria em um dos centros referenciais de pesquisa sobre África no Brasil na USP, o Centro de Estudos Africanos (CEA). Primeiramente, foi um Centro complementar do Departamento de Ciências Sociais e, posteriormente, um Centro Interdepartamental.

Mourão (s/d, p.1) revela que a pesquisa científica brasileira da época pautava-se em modelos europeus, especialmente na área da Antropologia, Sociologia, História e Arte, não levando em consideração a importante relação do Brasil com a cultura africana. Deste modo, a criação do CEA foi mais do que necessária:

No sentido de conhecer o Continente Africano, sua cultura e, ao mesmo tempo, evitar uma continuação de repetição de informações ultrapassadas pelo tempo histórico, ou então de passar a repetir informações recentes produzidas em outros centros de cultura, sem vivência do problema, é que surgiu a ideia de criação do Centro que, entre seus fundadores, contou com a participação de alguns estudantes africanos que haviam chegado ao Brasil na década de 60. Em 1968 o Centro sofre alterações e como resultante de sua atividade, é transformado em órgão, integrado já a estrutura da Universidade de São Paulo, com o nome de Centro de Estudos Africanos, tendo sofrido alterações regimentais em 1970 e 1972, que refletem o seu desenvolvimento, fixando-se como Centro interdepartamental, cooperando intimamente com os demais órgãos da estrutura universitária da Universidade de São Paulo. (MOURÃO, s/d., p. 2)

Paralelamente, o pesquisador ministrava uma disciplina chamada “Sociologia da África Negra”, para os alunos da graduação e pós-graduação, sendo coordenador, no início

da implantação, do programa de pós-graduação, cuja indicação partiu do próprio professor Florestan Fernandes.

Ademais, esteve vinculado à Faculdade de Direito do Largo São Francisco, ministrando a disciplina de Sociologia para os alunos do curso. E, também, foi um pioneiro na implementação da disciplina e dos estudos na área das Relações Internacionais, visto que, por meio dela, Mourão fomentou diversas relações com a África, já evidenciando a necessidade de discutir as relações africanas no âmbito internacional.

Para tanto, realizou uma série de visitas ao continente africano e a centros especializados, sobretudo na França, levando-o a debruçar-se sobre a análise da evolução da cidade de Luanda, desde 1882 até a ruptura com o colonialismo. Nessa época, contou com a orientação científica do professor Georges Balandier, da Sorbonne.

Apesar da recente orientação e dos diversos contatos estabelecidos, Mourão afirma que esteve muito influenciado pelos modelos dos cursos oferecidos pelo seu principal orientador, Ruy Coelho.

Com o intuito de promover maior integração acadêmica, foi convidado a orientar pesquisas nas áreas da Antropologia Social e Ciência Política. Assim, passou a oferecer as seguintes disciplinas na pós-graduação: Sociologia da África Negra: transição rural-urbana; Sociologia da África Negra I: a formação da classe média urbana no contexto da sociedade colonial; Antropologia da África Negra; Poder e política da África Negra:

Nessa fase orientei várias dissertações de mestrado e teses de Doutorado de alunos brasileiros e africanos que, posteriormente, em sua maioria, passaram a lecionar em universidades brasileiras e africanas; alguns optaram pelo jornalismo, sendo dois atualmente diretores de grandes jornais; outros, pela carreira diplomática. (MOURÃO, 1988, p. 10)

Paralelamente a estas atividades, no campo político-social, Mourão fomentou articulações entre o governo brasileiro e o angolano, culminando na formação do Movimento Afro-Brasileiro Pró-Libertação de Angola (MABLA), um amplo movimento que aproximou a relação entre Brasil e Angola entre os anos de 1960 até 1975 – período da independência angolana.

Por sua vez, contrária à colonização portuguesa em África, surge em São Paulo, no ano de 1961, em apoio ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), o MABLA, que vigorou de 1961 a 1970.

Por meio deste movimento buscava-se atingir o apoio do Estado Brasileiro sem o objetivo de fazer ligações partidárias, pois o MABLA não tinha a intenção de ser um partido nem tampouco uma organização exclusiva. Assim, constitui-se uma organização diversificada e plural. Segundo José Francisco dos Santos (2010, p. 48), o envolvimento se

estendeu desde o Partido Comunista Brasileiro (PCB) até a União Democrática Nacional (UDN).

Dentro deste cenário, a ideia do movimento se multiplica, ganhando núcleos em outros estados, como no Rio de Janeiro, aumentando, assim, o apoio à independência de Angola, que vem a ocorrer em 1975. Consequentemente, o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência angolana.

Em face deste panorama alcançado – primeiro com a formação autodidata amparada por seu avô, participação ativa na Casa dos Estudantes do Império, formação acadêmica em Coimbra e na USP; participação na formação do MABLA, criação do Centro de Estudos Africanos e a implantação dos Estudos Africanos e das Relações Internacionais na USP –, Mourão recebe um convite para dirigir o que viria a ser a primeira coleção orgânica de livros literários no Brasil, a Coleção Autores Africanos, lançada pela Ática, a partir do ano de 1979.

Em 1978, como assinalamos anteriormente, publicou o seu mestrado na coleção *Ensaíos* da mesma editora, por isso o dono da empresa, na época, Anderson Fernandes Dias, o convida a iniciar este projeto literário ambicioso, visto que até aquele momento havia somente tentativas sem muito sucesso de publicações de escritores africanos no Brasil:

O gosto pela cultura africana, nomeadamente pela sua literatura, a qual me encontro ligado desde a juventude, levou-me a participar de várias revistas, jornais e iniciativas editoriais, quer como articulista, quer como organizador [...]; levou-me a aceitar o encargo de orientar a coleção Autores Africanos, da Editora Ática de São Paulo. A propósito desta incumbência cabe dizer que, apesar de todas as naturais dificuldades editoriais, já lançamos mais de trinta títulos de autores africanos, devidamente comentados e acompanhados de um trabalho de adaptação ao público brasileiro, com a introdução de glossários, a maioria de minha autoria. Todos esses trabalhos resultaram em vários convites que cobravam minha participação em inúmeros congressos e simpósios internacionais e nacionais que abordavam temas de minha especialidade. O fato de ter convivido na juventude com parte dos autores africanos e conhecer o ambiente em que eles escreveram suas obras, resultou em convites para depoimentos sobre a vida e obra desses autores. (MOURÃO, 1988, p. 10)

Apesar de o pesquisador citar mais de trinta títulos publicados, somente vinte e sete são lançados pela Ática factualmente. A produção da antologia se inicia em 1979 e segue até 1991, entre muitos hiatos e problemas de distribuição. Contudo, há de se prevalecer a virtude de uma série literária de uma qualidade bastante significativa, utilizada por muitos professores por um bom período como o único material disponível para consulta aos textos literários africanos no país.

Vale ainda ressaltar que, até a nossa contemporaneidade, o material é utilizado, sobretudo em razão do cuidado com que a editora teve para a preparação de elementos

externos ao texto, isto é, muitas das edições contêm prefácios introdutórios; todos com glossários e notas de rodapé, biografia e bibliografias que auxiliam na leitura das recém-chegadas literaturas.

Vejamos algumas das obras lançadas pela Ática, sob a direção de Fernando Mourão:



Figura 2: Capas de alguns dos livros da Coleção “Autores Africanos”, da Ática
Fonte: VIEIRA, Luandino (1979); LOPES, Manuel (1979); MENDES, Orlando (1981); NADIR, Chems (1983); NIANE, Djibril (1982); DADIÉ, Bernard (1982).

Com o claro objetivo de mapear o que havia de melhor das literaturas africanas, a Coleção Autores Africanos é organizada com o desafio de englobar as produções pré-coloniais, coloniais e pós-coloniais, visto que, segundo Mourão, esta era uma das melhores maneiras de conhecer a África, representada por seus próprios autores.

Ademais, coloca-se em xeque a recuperação de relações identitárias africanas, porque a percepção de mundo das diversas personagens presentes nos romances e contos

da Coleção é questionada, uma vez que são inseridas em um espaço estilizado pela colonização. Todavia, esta fragmentação é fortalecida pela esperança intrínseca às personagens, haja vista que este elemento é frequente nos destinos das protagonistas.

Há uma preponderância de títulos da moderna literatura africana, porque estão mais vinculadas ao denominado renascimento da *verdadeira cultura africana*. Tanto que o romance que inaugura a Coleção, simbolicamente, é *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* (1979), do angolano Luandino Vieira, no qual a tortura de Xavier pelos membros da PIDE é símbolo de uma resistência libertária e literária:

Sorriu, sorriu enquanto o sangue saía na boca, no nariz, nos ouvidos, ensopava a camisa rota, o corpo, o chão, salpicava o agente, as paredes, tudo. Era bom sentir-lhe correr assim, livremente, se sentir vazio e leve. A alegria grande por não ter falado saía nas lágrimas salgadas, no miolo, não podia deter-lhe, correu pelas pernas abaixo e espalhou o seu cheiro acre e quente em toda a sala. (VIEIRA, 1979, p. 76).

Em sequência estão os romances *Os Flagelados do Vento Leste* (1979), do escritor cabo-verdiano Manuel Lopes; *Portagem* (1981), do moçambicano Orlando Mendes; o livro de contos *O Astrolábio do Mar* (1983), do tunisiano Chems Nadir; *Sundjata ou a epopeia Mandinga* (1982), do guineense Djibril Tamsir Niane e *Climbié* (1982), do marfinense Bernard Dadié. Colocamos estas obras em destaque justamente para evidenciar uma das intenções do projeto literário da Ática: apresentar as produções dos autores africanos da época para o público leitor brasileiro.

Seguindo nesta esteira, Mourão foi convidado para participar do Comitê Científico da coleção *História Geral da África*, uma produção da UNESCO. Para este projeto, foi reunida uma equipe de mais de 350 especialistas de diversas áreas do conhecimento, sob a direção de um Comitê Científico Internacional, que era composto por 39 intelectuais, sendo dois terços africanos. Esta coleção teve oito grandes volumes que mostram panoramicamente, diacronicamente e objetivamente os processos históricos dos povos africanos e suas relações com outras civilizações. O trabalho foi disponibilizado em inglês, francês e outras línguas: “História Geral da África, obra multidisciplinar [...] cujo objetivo maior é o de refletir toda a múltipla trajetória dos povos do continente, dando voz à sua memória, a seus valores e tradições.” (MOURÃO, 1995/96, p. 5).

O pesquisador ainda assinala que este projeto almejava trazer uma voz de dentro do continente, tentando reconstruir a história das civilizações africanas, ou seja, o projeto é feito, na sua maioria, por autores africanos, no entanto, a participação de especialistas não-africanos possibilita uma agregação de ideias.

Com isso, Mourão nos relata que este material conta, essencialmente, uma história de ideias, propondo uma nova leitura acerca da realidade africana. Todo este vasto conteúdo, portanto, serviria para o desenvolvimento de futuras e importantes hipóteses de pesquisa.

Como consequência da participação de Mourão como um dos membros do Comitê da UNESCO, o pesquisador propõe a Anderson Fernandes Dias a tradução e publicação dos oito volumes para o português pela Ática. A editora brasileira conseguiu editar quatro volumes dos oito pretendidos. E entre essas quatro destacamos uma das capas:

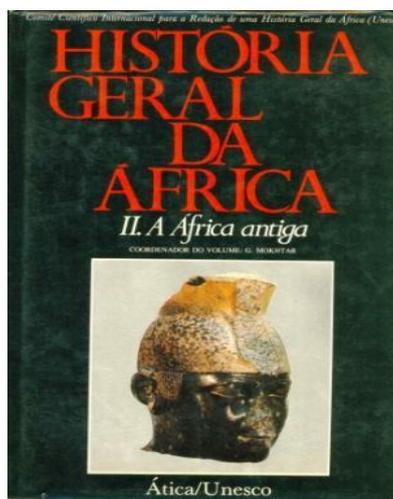


Figura 3: *História Geral da África II – a África antiga*

Fonte: < <http://biblioafrogiot.blogspot.com.br/2008/01/histria-geral-da-frica-g-mokhtar.html> >
Acesso em: 10 jan. 2015

Por fim, observamos que os núcleos com os quais Fernando Mourão se envolve estão conectados com o seu histórico de vida, ao passo que são propulsionados pelo desejo de dar visibilidade ao um continente até então pouco conhecido pela população brasileira e por boa parte do globo.

O acervo pessoal de Fernando Mourão: uma experiência singular

A partir do ingresso no curso de doutorado da UNESP/Assis em 2014, e diante do objetivo de desenvolvimento da tese de doutoramento, o estudo da concepção e recepção da Coleção Autores Africanos, fez-se mais do que imprescindível, sobretudo conhecer o diretor deste projeto literário, visto que almejávamos construir um panorama representativo sobre a formação da antologia diretamente da fonte primária, não perdendo de vista, certamente, as perspectivas de outros profissionais envolvidos no projeto.

Sabíamos que o professor Mourão ainda lecionava no programa de pós-graduação em Ciências Sociais, da USP. Então, durante o primeiro semestre de 2015, consultamos, previamente, por e-mail, a secretária do Centro de Estudos Africanos a fim de nos certificarmos da sua presença na instituição.

Com a confirmação desta informação pela secretária do CEA, que gentilmente encaminhou dia e horário em que Mourão estava no departamento e ainda o seu e-mail, decidimos entrar em contato, primeiramente, pela via digital. Contudo, a resposta não veio, esperamos por duas semanas, e nada aconteceu. Diante disso, decidimos, mesmo assim, ir até a USP e esperarmos por Mourão no horário que daria sua aula. Queríamos, pelo menos, uma rápida conversa, para assim estabelecermos o primeiro contato.

Em meados de abril de 2015, como planejado, esperamos pela presença do professor Mourão nas dependências do prédio de Sociologia. Contudo, para o nosso azar, naquele dia houve uma conferência que integrava o assunto abordado pela disciplina oferecida pelo professor. Por isso, a aula teve transferência de atividade e não conseguimos, ainda, o desejado contato.

Deste modo, conversamos com a secretária do CEA e ela se encarregou de fazer o nosso e-mail chegar ao Mourão. Voltamos para Assis, por sua vez, sem conhecê-lo. Ao retornar, encaminhamos a solicitação para o CEA e, desta vez, a secretária de Mourão entrou em contato e disse que após a segunda quinzena de junho/2015 o professor estaria disponível e poderia nos receber em sua residência.

Julho seria o único momento daquele ano que poderia nos atender, visto que viajaria para Luanda e permaneceria por lá até o final do ano. Então, reestabelecemos o contato e foi marcado, finalmente, a nossa primeira conversa para o dia 18 de julho, às 14h, em sua residência, em Caucaia do Alto, Cotia/SP.

A partir daí a nossa relação foi bastante produtiva, gentilmente Mourão nos contou várias histórias que estão presentes na formação do projeto literário, perpassando, como informamos na primeira parte deste artigo, por toda sua trajetória pessoal e institucional.

Foi a partir deste momento que tivemos acesso a sua biblioteca e a todo o seu acervo pessoal, que fica na parte inferior de sua residência, em um espaço que arquiva uma série de livros sobre os Estudos Literários, Sociológicos, Jurídicos e outros. Além de uma parte que contém materiais de aula, jornais, revistas, artigos e trabalhos acadêmicos.

A primeira vez que entramos neste espaço, cercado por sua história, ficamos deslumbrados com a riqueza do acervo do intelectual que, certamente, reuniu ao longo de toda a sua carreira diversos materiais e, sobretudo, o cuidado com que tudo foi arquivado, catalogado, demonstrando imensa preocupação com a conservação do material.

Mourão construiu uma carreira tão influente que grande parte dos livros é autografada, com dedicatórias dos próprios autores, mostrando, por sua vez, a importância que o intelectual teve para a divulgação das literaturas africanas no Brasil e mesmo a sua relação com a África.

Tivemos o acesso total disponibilizado por Mourão e lá encontramos materiais que nos auxiliaram na composição, redirecionamento e refinamento da pesquisa. A seguir apresentamos duas fotos do local.



Figura 4: Acervo pessoal de Fernando Augusto Albuquerque Mourão
Fonte: fotos tiradas por Clauber Ribeiro Cruz

Estas fotos mostram a parte reservada aos livros, divididos entre estudos da Sociologia, Literatura, Antropologia, Filosofia, entre outros. Há outros espaços reservados a revistas, dossiês e algumas fotografias que registram os encontros com pessoas especiais, como o seu avô.

Há diversas pastas que arquivam materiais pessoais, como reportagens de jornal, revistas, artigos, trabalhos de alunos etc., todas elas organizadas cronologicamente. Há ainda várias outras prateleiras que guardam muito material de aula e outras salas com outros títulos.

Entre os materiais que conseguimos encontrar (frisamos que foi uma extensa busca, pois os registros sobre a Coleção não estavam no mesmo lugar, então, procuramos em muitos locais, em vários e diferentes momentos, conforme Mourão ia se lembrando, a busca reiniciava), identificamos: registros de atas de reuniões com a equipe da Ática; lista dos livros que foram cotados para publicação; locais de distribuição da antologia; artigos com algumas menções ao projeto; e algumas reportagens em jornais nacionais, como *O Estado de S. Paulo*, e internacionais, como o *Jornal de Angola*.

Em virtude das várias relações criadas pelo pesquisador, e também em razão do pioneirismo do assunto de pesquisa, Mourão foi chamado muitas vezes para dar entrevistas em jornais e revistas brasileiras e angolanas, entre elas encontramos uma bela reportagem na *Revista Visão*, de 1978, intitulada *Ouçamos as vozes d’África*, na qual tanto ele como a professora Maria Aparecida Santilli, outra pioneira na área de estudos, apontam suas opiniões sobre estas literaturas ainda desconhecidas do público brasileiro, mas de muita qualidade.

Entre outros materiais encontrados, resgatamos alguns folders de divulgação da Coleção Autores Africanos, apesar da antologia não ter tido grande divulgação entre as livrarias, levando em consideração que a Ática tinha postos de distribuição por quase todo o Brasil, percebemos que as intenções eram de uma boa divulgação. Contudo, ela acabou sendo mais difundida entre os centros especializados de pesquisa e algumas universidades. Na sequência, apresentamos um desses folders de divulgação.



Figura 5: Folder de divulgação da Coleção “Autores Africanos”
 Fonte: Acervo pessoal de Fernando Mourão

Neste folder são colocadas em destaque as três primeiras obras lançadas pela Ática, *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, *Os Flagelados do Vento Leste* e *As Aventuras de Ngunga*. Com a escrita feita em três línguas: português, inglês e francês, frisando que a Coleção tem títulos de países africanos que também falam estas línguas. Todavia, as obras escritas originalmente em francês e inglês são traduzidas para o português pelos melhores tradutores da época no país, entre eles embaixadores e diplomatas: Jayme Villa-Lobos, Sérgio F. G. Bath, Sérgio Tapajós, Oswaldo Biato, Wamberto H. Ferreira, Natividade Petit e Vera Queiroz da Costa e Silva.

Mourão conheceu muitos dos escritores que foram publicados na Coleção, tanto que encontramos algumas cartas nas quais são solicitadas a recepção da obra por intermédio da antologia e mesmo a indicação de outros títulos para futuros lançamentos.

Entre os autores divulgados estão: José Luandino Vieira, Pepetela, Manuel Lopes, Luís Bernardo Honwana, Jofre Rocha, Manuel Ferreira, Valentin-Yves Mudimbe, Arnaldo Santos, Orlando Mendes, Nuruddin Farah, Bernard Binlin Dadié, Cheikh Hamidou Kane, Djibril Tamsir Niane, Boaventura Cardoso, Chinua Achebe, Chems Nadir, Cyprian Ekwensi, Sembène Ousmane, Teixeira de Sousa, Uahenga Xitu, Agostinho Neto, Baltasar Lopes e Lina Magaia

Diante desta experiência singular, conseguimos repensar na composição da hipótese de pesquisa em face da reconstituição da trajetória deste intelectual de envergadura incontornável. Ademais, estamos organizando em seu acervo uma parte reservada à Coleção Autores Africanos, a fim de agruparmos informações que recontem a história marcante deste projeto literário.

Para além do material de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa, construímos uma amizade de muita estima e, sempre que possível, retornamos para outras visitas, nas quais trocamos informações, opiniões sobre variados assuntos e, sobretudo, para desfrutarmos de uma experiência extremamente significativa, da qual nos sentimos privilegiados por esta oportunidade diante do professor, pesquisador e intelectual Fernando Augusto Albuquerque Mourão, ou como todos o chamam, o professor Mourão.

Recebido em: 09/05/2016

Aprovado em: 07/11/2016

NOTAS

¹ Muitas das informações presentes neste artigo, acerca da vida de Fernando Mourão, estão embasadas nas conversas que tivemos, realizadas em sua residência, em Caucaia do Alto, Cotia/SP, entre os meses de junho/julho de 2015 e abril de 2016.

REFERÊNCIAS

LARANJEIRA, José Pires. Introdução: uma casa de mensagens anti-imperiais. In: *Mensagem*: Boletim da Casa dos Estudantes do Império. 2.ed. Lisboa: Lousanense, 1996.

MASCARO, Alysson Leandro. Presença de Fernando Mourão no mundo jurídico. *África*: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP, São Paulo, número especial, p. 261-267, 2012.

MOURÃO, Fernando. *A sociedade angolana através da literatura*. São Paulo: Ática, 1978.

_____. *O Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo*. s/d., p. 1-20.

_____. Múltiplas faces da identidade africana. In: *África – Revista do Centro de Estudos africanos da Universidade de São Paulo*: São Paulo: USP, n. 18-19, 1995/96, p. 5-21.

_____. *Memorial*. São Paulo: USP, 1988.

_____. O contexto histórico-cultural da criação literária em Agostinho Neto: memórias dos anos cinquenta. In: *Revista África: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP*. São Paulo: USP, n. 14-15, 1991-1992, p. 55-68.

SANTOS, José Francisco. *Movimento Afro-Brasileiro Pró-Libertação de Angola (MABLA) - Um Amplo Movimento” – Relação Brasil e Angola de 1960 a 1975*. 2010.197f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 40-89.

TENREIRO, José Francisco; ANDRADE, Mário Pinto de. *Poesia negra de expressão portuguesa*. Coleção: para a história das literaturas africanas de expressão portuguesa. Lisboa: África – literatura, arte e cultura, 1982.

GONÇALVES, Américo. O Brasil descobre literatura angolana. *Revista de Angola*. Luanda, ago. 1983, ano 7, n. 69. Povo e Cultura, p. 56.

VIEIRA, José Luandino. *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*. São Paulo: Ática, 1979. (Coleção Autores Africanos, 1).